

# Notícias do Algarve

SEMÁNARIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)  
**ARMANDO ROCHA CRUZ**  
Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO-RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9  
TELEFONE 59-VILA REAL DE SANTO ANTONIO  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO-TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTONIO

MELHORAMENTOS RURAIS (4)

## Orientação Rural

TALVEZ que já alguns leitores se aborrecem e bocejem por continuarmos a tratar de assuntos que se prendem à vida rural. É que julgamos isto de uma importância vital para a Nação. Os campos vão-se despovoando; já faltam braços válidos para os trabalhos agrícolas que já

quase só entram com os velhos e as crianças e as cidades vão crescendo numa expansão pleotórica que não é sinal de vida sã.

Onde está a alegria de viver, o seu cantar, o seu bailar, os seus jogos e folguedos dos seus ajuntamentos dos que acodem aos meios urbanos? Onde está a habitação que substitua a casa modesta, acanhada embora, que deixaram nos seus lugarejos? Vivem em quartos, muitos sem ar nem luz, pais e filhos numa promiscuidade que chega a atingir os limites do impudor.

Pobres aves que ainda se julgam livres e são já presas de

(Concluída na 4.ª página)

## A VELHA PONTE DE LAGOS VAI SER DINAMITADA

A velha ponte de Lagos, toda em cimento armado, vai ser destruída, para facilitar a urbanização da cidade.

Os trabalhos de demolição, que foram entregues ao Exército, tiveram que ser alterados.

Previa-se, inicialmente, que a dinamitação da ponte se fizesse de uma só vez, mas o plano teve de ser modificado, visto os especialistas terem concluído que uma só explosão faria correr grave perigo não só à estação dos caminhos de ferro, que se encontra situada a cerca de 100 metros, mas também a vários edifícios das cercanias.

Assim, a destruição operará-se-á por fases e serão tomadas todas as precauções que o caso requer.

## AS RUAS DE S. MARCOS DA SERRA transformadas num lamaçal

Não obstante estar privada de boas estradas que a liquem à sede do concelho e outras vizinhas povoadas, a pitoresca e importante freguesia de S. Marcos da Serra encontra-se com o desolador espectáculo das suas ruas transformadas em autênticos lamaçais que as tornam intransitáveis.

Bem merece esta laboriosa freguesia de grande importância económica não só para o seu conce-

lho, Silves, mas também para toda a província, que se cuide com urgência e na medida do possível do arranjo das suas artérias e que se concretizem as suas mais justificadas aspirações.



## CARTA DE LONGE

## A COLÓNIA INGLESA de Hong-Kong e A NOSSA PROVÍNCIA DE MACAU

MERCÊ de várias circunstâncias que animam uma administração modelar, Hong Kong tornou-se o maior empório do Oriente. E tudo o que possa dizer-se é pouco para se poder avaliar, de longe, o pro-

gresso desta possessão inglesa na China.

Centro comercial, industrial e de turismo, com uma população de mais de três milhões de habitantes, sem contar com a população flutuante de alguns milhares de pessoas que entram e saem diariamente, o problema da habitação não chega a resolver-se, por ser constante a afluência

(Concluída na 4.ª página)

## Contas Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

### Mais um dia

O dia de ontem subiu ao palco disse o seu papel teve um aceso para o grande público curvou-se saiu pela direita baixa.

«Não me esqueças... pediu com um sorriso triste.

Campreendi. Só o esquecimento é morte.

(Concluída na 2.ª página)

## HOMENAGEM ao Dr. Mário Lyster Franco

Um grupo de admiradores e amigos do dr. Mário Lyster Franco, director do nosso prezado colega «Correio do Sul», realizam do próximo dia 6 de Março, em Lisboa, um almoço de homenagem àquele distinto arqueólogo e jornalista, que acaba de ser eleito sócio correspondente do Instituto Arqueológico Alemão.

Os pedidos de inscrição para esta homenagem devem ser feitos à Casa do Algarve, em Lisboa, Rua Capelo, 5-22.-Dto.º —telefone 23240.

# KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA EM MONTE GORDO?



Conforme tem sido anunciado por toda a Imprensa portuguesa e brasileira, o presidente do país irmão dr. Kubitschek de Oliveira deslocar-se-á a Portugal por ocasião das próximas Comemorações Henriquinas.

Na visita que o Presidente do Brasil fará ao Algarve, onde assistirá aos actos solenes do fulcro das Comemorações Henriquinas, em Sagres, está previsto um almoço no novo Hotel da Praia de Monte Gordo.

A incomparável praia algarvia que disfrutará dentro de meses do melhor Hotel da Província, servirá de cenário maravilhoso para um almoço de amizade oferecido ao Presidente do Grande País Irmão.

Kubitschek de Oliveira far-se-á acompanhar de representantes do Congresso, Ministros de Estados, uma representação da Marinha de Guerra, Intelectuais e Académicos brasileiros.

## PRESEÇA DO ALGARVE

# EVOCAÇÃO DA REVISTA «ALMA NOVA» E DO SEU FUNDADOR

POR iniciativa de uma comissão constituída pelos escritores srs. drs. Ascensão Contreiras, José Guerreiro Murta e Luis

de Oliveira Guimarães, antigos redactores da revista «Alma Nova», publicação fundada em Faro, há 46 anos, pelo escritor algarvio Mateus Moreno, e pelo mesmo mantida depois em Lisboa, de 1915 a 1950, realizou-se há dias, nesta cidade, no ambiente selecto do Restaurante Tavares, um jantar evocativo da referida revista, que reuniu em volta do seu fundador e respectiva esposa, cerca de meia centena de antigos colaboradores e amigos. É-nos grato citar, dentre estes, os nomes dos professores drs. Braga Paixão, Carmo e Cunha, Barbosa Soeiro e engenheiro Cândido Duarte; dos drs. Ascensão Mendonça e Sousa Car-

rusca; do sr. Almirante Filipe Castela; dos escritores Major Nascimento Moura, Julião Quintinha, Dr. Mário Gonçalves Viana, Assis Esperança, Roberto Nobre, Dr. José António Madeira, Rebelo de Bettencourt, D. Julieta Ferrão, Dr.ª Branca Lopes Martins e Dr. Emilio Salgueiro, que foi um dos directores da revista; do Dr. Maurício Monteiro e esposa, do escultor Rogério Paletti Berger e esposa (a distinta pintora D. Maria Alexandrina Chaves, que foi a primeira «Madrinha» da «Alma Nova»), do arquitecto Jorge Segurado, do pintor Martinho da Fon-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## EM TAVIRA

### VAI SER ERGUIDO um Padrão Comemorativo

### DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE

A cidade de Tavira vai erigir no alto de Santa Maria, um Padrão Comemorativo do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique,

Num monumento simples mas de grande significado, a linda cidade do Gilão presta sincera homenagem a um dos maiores obreiros de Portugal, cuja obra se encontra ligada embora que ainda indelevelmente a esta linda cidade do sul.

Igualmente comemorando o Centenário da Morte do Infante D. Henrique, a Câmara Municipal de Tavira convidou a sr.ª dr.ª D. Maria José Fernandes Moniz Nogueira a proferir uma conferência subordinada ao tema «A vida e a Obra do Infante D. Henrique».

## ALGUNS SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA ANTIGA E MODERNA DA PRAIA DE MONTE GORDO

[3] SURTIU assim Vila Real de Santo António e com ela veio a decadência de Monte Gordo.

Obrigados os seus habitantes a irem povoar a nova Vila, uns acataram a ordem se bem que com dificuldades que se depreendem, outros permaneceram sem receio das determinações do Marquês, e por último os mais receosos embarcaram, indo aportar às costas de Espanha fundando segundo se conta, a Vila-Isla Cristina ou antes Figueirita, constando igualmente que este nome vem de um

poço e de uma figueira que naquela vila existiam.

Parece-nos todavia que tais suposições e boatos têm certo fundamento, pois pode ler-se na Monografia de Vila Real de Santo António:

«...Diz-se que o Marquês de Pombal em «revindita» mandara queimar as habitações dos moradores desobedientes, e carregou-se-lhe este procedimento alucinando o Ministro de D. José de «Cernel».

Essa acção não teria sido muito

(Concluída na 3.ª página)



Apesar do esforço feito pelo fotógrafo para fixar nesta velha gravura os modernos «challets» que então começavam a embelezar Monte Gordo, viu-se coagido a dar o primeiro plano aos naturais da praia que sorridentes, posam para a posteridade

A simpática «estrela» inglesa, Mary Blondell, vai entrar, finalmente, na meca do cinema: Hollywood. O seu primeiro filme intitula-se «Mais Vale Tarde...», título que se adapta à longa espera a que Mary foi sujeita.

LEIA a partir do próximo número UMA SÉRIE DE CRÓNICAS de GENTIL MARQUES escritas especialmente para o «Notícias do Algarve»

PRESEÇA DO ALGARVE NA ILHA DE MADEIRA

Valioso depoimento pessoal sobre um algarvio ilustre

O comendador SEQUEIRA CABRITA

que está a realizar uma das mais extraordinárias obras de humanidade na

PONTA DO SOL A 1.ª Crónica intitulada-se-á

ONDE A MADEIRA SE PARECE COM O ALGARVE

## Notícias PESSOAIS

**José Barão**

Acompanhado de sua esposa encontra-se nesta vila o sr. José Barão Director do nosso estimado colega local «Jornal do Algarve».

Com pouca demora esteve nesta localidade acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. Virgílio Ramos Machado.

Acompanhado de sua esposa encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante em Almada sr. Fernando Pego Vasconcelos.

A consultar a medicina encontra-se em Lisboa o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. José Graciliano Vieira Carmo.

Acompanhado de sua esposa esteve nesta vila com curta demora o nosso prezado assinante em Mértola sr. António Passos de Lima.

Tivemos o prazer de comprimentar na nossa Redacção o nosso prezado assinante sr. José Gomes, residente na Junqueira.

## LUTUOSA

**Elisa Guerreiro Cavaco Tamissa**

Após prolongado sofrimento, faleceu na sua residência em Vila Nova de Cacela, no passado dia 11, a sr.<sup>a</sup> D. Elisa Guerreiro Cavaco Tamissa, de 79 anos, viúva do sr. João Rodrigues Tamissa, e mãe dos srs. João Guerreiro Tamissa, comerciante e proprietário e de José Guerreiro Tamissa, já falecido e era irmã da sr.<sup>a</sup> D. Catarina Guerreiro Cavaco, solteira, sogra das sr.<sup>as</sup> D. Maria Adelaide Lopes Tamissa e de D. Gracinda Canceira Tamissa. O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local.

O «Notícias do Algarve» apresenta sentidos pésames à família enlutada e em especial o seu prezado assinante sr. João Guerreiro Tamissa.

**Manuel Henrique da Cruz**

Faleceu em Orlhão, no passado dia 18 o ex-Armador e Industrial Manuel Henrique da Cruz, que era natural de La Linea (Espanha) e naturalizado português. Tinha 85 anos de idade e deixou 6 filhos, 16 netos e 19 bisnetos. O seu funeral realizou-se pelas 16 horas do dia 19

## Evocação da Revista "ALMA NOVA"

(CONCLUSÃO DA 4.<sup>a</sup> PAGINA)

marães — já me não podem responder Saavedra e Carreira.

Sobre a memória de ambos deramo as flores da minha saudade.

Para os demais, que tanto me enternecem também com a presença das suas mensagens, ou com a mensagem viva das suas presenças, em meu nome pessoal e no da que todos viemos aqui evocar, um grande — «Muito obrigada!»

## CARTA ABERTA AO GRUPO DA ALMA NOVA

Dirijo esta carta aberta, àqueles que há mais de 40 anos pretendiam insuflar ânimo novo e combater aquela decadência social em que vivia a sociedade sobressaltada.

Alma nova no espírito — nas artes e letras. Alma nova no Regionalismo — e dela saiu, à volta de 1950, Casa do Algarve.

O seu fundador, o então tenente Mateus Moreno, batia-se pela dignificação de tudo o que era Algarvio.

É preciso ter orgulho de ser algarvio, afirmava sempre aquele paladino do Regionalismo, porque ele conhecia a história brilhante do Algarve, desde a gesta heróica de Sagres e dos valentes portugueses que embarcaram nas primeiras naus, a desvendar o mistério do desconhecido.

Diz Azurara, cronista-mor de Portugal e guarda-mor da Torre do Tombo, ao escrever a sua Crónica da tomada de Ceuta, em 1415, que o Infante D. Henrique se retirara para Sagres, para do Algarve fazer o principal ponto de partida das suas empresas marítimas, porque, «os seus moradores são, pela maior parte, homens audazes e fortes, especialmente sobre o mar».

Mas não foi só nas caravelas do Infante D. Henrique que o esforço da gente algarvia se revelou.

Sabe-se que o apelido de *Guerreiro*, tão espalhado entre os algarvios, proveio daqueles que estavam «de guerreiros em África», como diziam, então, as mulheres algarvias, referindo-se aos filhos, que se batiam bravamente em Ceuta, em Tanger, em Safim e Azamor...

Sabe-se que o Hospital de Nossa Senhora dos Pobres, de Loulé, cujo nome ainda hoje se conserva, resultou de uma ordem do rei D. Afonso V, mandando transformar uma antiga albergaria existente naquela Vila, no hospital que havia de receber a tratar os

feridos da conquista de Tanger em 1471.

E no campo poético, tem o Algarve em D. Francisca de Aragão, a primeira dama da corte da rainha D. Catarina, mulher do rei D. João III, — di-lo a Enciclopédia Portuguesa e Brasileira baseada em vários literatos de nomeada — e pelo seu alto valor moral e beleza física excepcional, mereceu a atenção dos poetas do tempo, entre os quais o seu príncipe, que foi o genial Luís de Camões! Era filha do morgado de Quarteira em cuja casa apalaçada nasceu em 1536. Seu pai, além de governador de armas de Faro e Loulé e vedor-mor da fazenda, era o fronteiro do Algarve, portanto, o responsável pela linha de defesa da costa algarvia contra os ataques dos mouros corsários, que não perdoavam a ousadia dos portugueses que tinham cravado as cunhas cristãs no seu próprio país.

Quantos dramas à volta dos «mouros da costa» se podiam esclarecer, continuando a descrição histórica de Henrique Lopes de Mendonça, o autor da letra do Hino Nacional, no seu livro *Lanças n'África!*

Heróis do mar, nobre Povo... Pertence aos abencerragens da Alma Nova — e não só a eles, mas também aos algarvios que, com Ela, possuem o talento de escritor — o encargo de descrever, em verso ou em prosa, os feitos valorosos dos nossos antepassados, que sirvam de base aos monumentos alegóricos que hão-de ilustrar as nossas vilas e aldeias, para que possamos dizer aos portugueses do Norte ou aos estrangeiros:

«Apreciem a beleza da nossa paisagem e gozem a doçura do nosso clima! Mas vejam também os monumentos que atestam a acção heróica dos nossos antepassados!»

Esta é, aliás, a verdadeira missão do Turismo!

A. de Sousa Pontes

## Agradecimento

Maria Candelária R. Tenório Piloto

Sua família, na impossibilidade de agradecer às pessoas que directamente ou por escrito lhes manifestaram o seu pesar pelo doloroso acontecimento, bem como áqueles que se incorporaram no funeral, vêm por este meio, testemunhar a todos o seu profundo reconhecimento.

## Conta Gotas

(Conclusão da 1.<sup>a</sup> página)

**Marcha para cantar marchando**

*Herr Fritz foi à guerra outra terra ambicionou Tão ba la lão. Herr Fritz foi à guerra Herr Adolfo é que o mandou Tão ba la lão.*

*Herr Fritz tinha claque tudo a saque desventrou Tão ba la lão. Mas a guerra andou para trás — Herr Fritz não voltou. Tão ba la lão.*

*Herr Fritz que memórias, esquece a história ganha voz. Tão ba la lão. Basta agora nesta hora que a não esqueçamos nós. Tão ba la lão.*

**A tijela de leite**

*Mariazinha flor-em botão tinha — se tinha! — fome de pão.*

*E vai sentou-se lá no passeio Meidia foi-se a tarde veio*

*e a noite agreste... Tapou a rua a mão celeste da branca Lua.*

*Na leitaria ali da frente cheia de gente reina a alegria.*

*(Mariazinha flor em botão tinha — se tinha! — fome de pão)*

*O senhor João servia à mesa dava um galão a uma freguesa.*

*Mariazinha sempre na rua face mansinha voltou para a Lua.*

*Tão lindo enfeite! Lembra-a ela uma tijela cheia de leite.*

**Alibi**

*Quando se fez ultrage ao Homem meu amigo, onde estavas?*

*Quando a bota pisou a flor indefesa*

*amigo, onde estavas?*

*Quando foi necessário juntar a tua voz à voz do mar e quando foi preciso à beira do naufrágio empunhar firme o leme. O meu amigo, como respondeste? Não é possível alibi.*

**Rádio Patrulha**

**Atenção ATENÇÃO**  
A seta indica a direcção de Hirochima

*Viandante atenção que se aproxima o campo experimental dos cogumelos NÃO DEVES COMÊ-LOS Mesmo que venham em bandeja de prata diz-lhes que não DIZ-LHES QUE NÃO Viandante atenção o cogumelo mata o cogumelo dizima Atenção ATENÇÃO*

A seta indica a direcção PIOR DO QUE HIROCHIMA

Maria Manuela Nunes

**NÃO HESITE**  
Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

**TIPOGRAFIA SOCORRO**  
FÁBRICA DE CARIMBOS  
Telefone 59 Apartado 3  
Vila Real de Santo António

## AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 13 a 19 de Fevereiro.

**Entrados:**

MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.  
BLISWORTH, Inglês, de 1.031 ton., com folha de flândres, de Bristol.  
LOUISE, Alemão, de 1.063 ton., de Bremen, com carvão.  
MARIA CHRISTINA, Português, de 549 ton., de Lisboa, vazio.

**Saiados:**

ROLANDSECK, com conservas, cortiça, alfarroba e palma em obra, para Hamburgo e Bremen.  
DIONE, com sal, para o Funchal.  
SÃO MACÁRIO, com minério, para Lisboa.  
MIRA TERRA, com minério, para Lisboa.  
BLISWORTH, com alfarroba, para Dublin.  
FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 20 a 26 Fevereiro a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone 49.

## Limpa com Vim...

*é um espelho!*



**É um gosto limpar os esmaltes com Vim!**

Ficam perfeitos — tão limpos! Tão brilhantes! E com Vim é um instante: — um pouco de Vim num pano húmido, esfrega-se e... pronto! Tudo fica cintilando de asseio, perfeitamente desengordurado, impecável e brilhante! Alumínios, azulejos, o fogão, o lava-loiça e o lavatório brilham como novos! O fino pó Vim resolve todas as limpezas difíceis!

**Vim** limpa e faz brilhar tudo no seu lar

INDUSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA.-SACAVEM

59-VM-04

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
VENDE-SE EM LISBOA  
na Tabacaria Antunes & C.  
Av. Almirante Reis, 22-C  
(aos Anjos)

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
VENDE-SE  
na FIGUEIRA DA FOZ:  
Tabacaria Pessoa

## Saborear... é viver

Que belo lanche!.. Pode dizer-se que Planta faz a alegria de pequenos e grandes. E compreende-se! Planta é a mais fina, a mais pura das gorduras. Uma fatia de pão barrada com Planta é na verdade uma das mais deliciosas coisas que existem. E como Planta é acondicionada numa embalagem hermética 100% estanque, única no mundo, ela chega à sua mesa tão fresca como no momento em que é empacotada.

## Planta

a gordura das pessoas de bom gosto



FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA.—SACAVEM

60-PL-11

## TINTAS EXCELSIOR

Tintas para a Construção Civil



AS MELHORES TINTAS PARA NAVIOS DE PESCA E COMÉRCIO

DEPOSITÁRIO NESTA VILA:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENIDA DA REPÚBLICA

Telefone 12



# DESPORTO



## LUSITANO, 6 - ARROIOS, 0 Depois do Primeiro Golo tudo foi fácil para o vencedor...

Jogo no campo «Francisco Gomes Socorro», em Vila Real de Santo António.

Árbitro: Francisco Guimaraes, de Beja.

**LUSITANO**—Martinez (Campanas); Parra, Campos e Gonçalves; Padesca e Armando; Salvador, Jaruga, Mendes, Rodolfo e Araújo.

**ARROIOS**—Carvalho; Mendes, Necas e Figueira; Pais e Vitor; Sousa, Brandão, Severino, José Luis e Roque.

Com um campo lamacento, e cheio de covas perigosas, poucas ou nenhuma esperança havia de se assistir a uma partida agradável. Porém, quando mais não seja, deste desafio salvou-se um pouco: a correcção como todos se empregaram na luta. Choques verificaram-se, e outra coisa não seria de esperar de tais condições do terreno, mas saliente-se que nunca assistimos a qualquer lance mal intencionado.

Se bem que a equipa forasteira tenha procurado dar boa réplica logo de início, foi o Lusitano que revelou mais harmonia entre os seus elementos, melhor fio de jogo desenvolveu e que teve mais tempo o esférico em seu poder.

Sem pressas, calmos, cientes da sua capacidade em paralelo com a do adversário, desenvolveram alguns esquemas com certa facilidade, acercando-se bastantes vezes da baliza de Carvalho, só não as concretizando pela aglomeração dos visitantes na sua grande área e ainda por encontrar pela frente um guarda-redes decidido e actuando em grande plano.

Passado este momento de perigo os locais voltaram a atacar e aos 21 minutos conseguiram abrir o activo por Rodolfo, transformando uma grande penalidade por mão de um defesa visitante.

Animados com o tento, os locais passaram então a comandar inteiramente o jogo, chegando, naturalmente, ao intervalo a vencer por 3-0.

Na segunda metade do encontro, e com o campo cada vez mais impróprio devido à chuva que cairá durante o intervalo os jogadores entraram a jogar numa toada mais lenta perdendo a partida todo o interesse, procurando os visitantes, somente «safar» a bola da sua baliza de qualquer mane-

ra, sendo Martinez e o seu substituto quase espectadores.

Sempre ao ataque, o Lusitano alcançou mais três golos, perdendo ainda algumas pela fraca pontaria e desgaste físico dos seus dianteiros, e sobretudo pela maneira inteligente como os defensores visitantes os colocavam em sucessivos fora de jogo.

### CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Barreirense	18	14	1	3	39-15	29
Oriental	18	11	4	3	29-15	26
OLHANENSE	18	12	1	5	46-14	25
PORTIMONENSE	18	11	—	7	44-25	22
FARENSE	18	9	3	6	34-20	21
LUSITANO	18	8	5	5	38-27	21
S. L. Olivais	18	8	3	7	34-31	19
Montijo	18	8	2	8	33-35	18
Desp. Beja	18	7	2	9	26-31	16
Serpa	18	6	2	10	31-46	14
Juventude	18	4	5	9	31-45	13
Almada	18	6	—	12	20-30	12
Estoril	18	5	2	11	25-40	12
Arroios	18	2	—	16	20-76	4

Jogos para hoje: OLHANENSE-LUSITANO; Arroios-Montijo; Beja-Barreirense; Juventude-FARENSE; PORTIMONENSE-Almada; Oriental-Serpa; Estoril-Olivais.

## Carnaval de 1960

Serpentinas, confeti, máscaras, brinquedos, surpresas, artigos para bailes, e FOGOS DE ARTIFÍCIO PRÓPRIOS PARA CARNAVAL, aos melhores preços. Catálogo grátis, com preços especiais para revendedores.

Dirijam-se ao armazém especializado nestes artigos de:

**ANTÓNIO TORRÃO**  
COVILHÃ Telefone 22504

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

### «JORNAL DE CULTURA»

Com o excelente aspecto gráfico habitual, saiu mais um número — o sétimo — do «Jornal de Cultura». A colação é, como sempre, variada e revestida de grande interesse. Além de um segundo artigo — o primeiro saiu do número anterior — sobre a necessidade de encerrar de frente o problema da ópera cantada em português e por artistas portugueses e da sua expansão — como de toda a Música — aos mais distantes pontos da Metrópole portuguesa, destacam-se neste número um «Balancete Cultural do 59 português», uma excelente e construtiva crítica ao filme de António Lopes Ribeiro «O Primo Basílio», um artigo «in memoriam» de Luís de Freitas Branco, de que passou há pouco o quarto aniversário da morte, um trabalho intitulado «Sebastião da Gama e a Juventude», da autoria de Arnaldo Saraiva, e ainda «Cavaleiro na noite», poemas de Francisco d'Orey. Inserir-se também as habituais secções de Crítica Literária — desta vez assinada por Orlando Vitorino e dedicada à análise de um trabalho sobre a filosofia jurídica portuguesa actual, da autoria de um dos colaboradores habituais do «Jornal de Cultura», António Braz Teixeira — e de «Notas e Comentários». «A angústia da adolescência e a esperança da maioridade», de Jorge Preto; «2455, Cella de Morte», de José Augusto de Vasconcelos e Sá; «O Teatro do Rossio», de Mário Quartim Graça; e um conto de Maria Eduarda Correia — «Ano Velho — Ano Novo» — completam o sumário deste número, relativo a Janeiro.

No próximo número — que sairá em fins de Fevereiro — serão publicados uma entrevista com o prof. Marcelo Caetano, Reitor da Universidade de Lisboa, um artigo sobre Alberto Camus, outro sobre Afonso Duarte e o comentário a um excelente livro de ensaios de Álvaro Cabral: «Poesia, Raça e Homem».

Todos os pedidos devem ser dirigidos a «Jornal de Cultura», R. da Bela Vista, à Lapa, 23-4. Lisboa, agradecendo-se que seja indicado o nome da publicação onde foi lida esta referência.

## COMENTÁRIOS AO NACIONAL DA II DIVISÃO RELANCE DA JORNADA

A derrota sofrida pelo Clube Oriental de Lisboa no jogo que efectuou no campo do Pragal frente ao Almada Atlético Clube foi o facto mais saliente da última jornada, a décima oitava.

Nos restantes encontros registou-se devida normalidade nos resultados finais, tendo as equipas algarvias, mais uma vez, marcado boa presença, excepto os briosos rapazes de Portimão que saíram derrotados e porque jogaram contra os alvi-negros de Faro se não...

Sim! Se não o Algarve saía de novo vitorioso de mais uma jornada, demonstrando a todos os desportistas que no Algarve existe quatro agrupamentos de excelente valor.

Com a inesperada derrota do Oriental, os rubros-negros de Olhão confiam que nem tudo ainda está perdido e que, com um pouco de sorte, ao fim e ao cabo, classificam-se para a fase final da Prova.

Até lá e como sempre nada de optimismos exagerados, pois, como dizia o saudoso crítico da especialidade, senhor Cândido de Oliveira, o optimismo exagerado é como o negro pessimismo...

### A DÉCIMA OITAVA JORNADA DISSE:

#### Em Faro

Assistimos ao encontro que se realizou em Faro, no Estádio Municipal de S. Luis, entre a turma local e o Portimonense Sporting Clube e desde já devemos dizer que presenciámos uma boa partida de futebol, a qual foi digna de ser seguida, embora o estado do terreno, devido à chuva que caiu durante os noventa minutos, ter deixado o retângulo impróprio para a prática de bom futebol.

Ambas as equipas empregaram muita velocidade, muita vontade e sobretudo demonstraram estar bem preparadas fisicamente, pois, actuaram com muita força e sempre no mesmo ritmo.

A vitória do Farense pela diferença mínima, golo obtido por Coutinho numa abertura do jovem e excelente centro-avanzado José Bento aceita-se perfeitamente.

Jogo entre comprovincianos e embora jogado em nível rude nunca houve cenas lamentáveis, pois, ambas as agremiações actuaram com muita correcção.

Como havíamos dito no número passado, o Farense ganhou mas dificilmente.

#### Em Vila Real de Santo António

Como se esperava o Lusitano ganhou ao Arroios e o resultado de seis tentos a zero diz bem das facilidades encontradas pelos rubros perante uma equipa que já se encontra na III Divisão.

Sem grandes esforços, com muita calma e boa pontaria os avançados do Lusitano cumpriram a sua missão, confirmando o resultado favorável que na primeira volta obtiveram em Lisboa.

#### Em Lisboa (Olivais)

O Olhanense foi a Olivais a empatar o jogo. Não ganhou mas empatou o que já é muito, pois, os olivenenses em casa costumam ser bastantes perigosos. Embora actuando mal os olhanenses tiveram

oportunidades de fazer funcionar mais vezes o marcador. O resultado final de um tento para cada equipa foi o desfecho mais justo.

### A DÉCIMA NONA JORNADA QUE DIRÁ?

Hoje joga-se em todo o País a décima nona jornada do Nacional da II Divisão e dos jogos que se efectuam na zona sul dois estão a despertar enorme entusiasmo, referimo-nos aos encontros, BEJA-BARREIRENSE e OLHANENSE-LUSITANO.

Veremos o que dá esta jornada, a qual promete ser de surpresas...

#### Em Olhão

O Estádio Padinha, em Olhão, volta a ser cenário de um grande derby regional, com a visita do Lusitano Futebol Clube. O público desportivo de Olhão tem hoje o ensejo de ver de novo os rubros de Vila Real de Santo António que irão travar uma luta renhida com os seus amigos do Sporting Clube Olhanense.

Grande jogo em expectativa este. Quem vencerá? A vitória está ao alcance de ambos, embora o fac-

tor casa tenha influência para que ao fim e ao cabo os locais consigam averbar os dois pontos que lhes são preciosos.

O Lusitano sabe... e sabe que embora difícil para eles não é obstáculo. Em contrapartida o Olhanense sabe... e sabe que sabe que os seus adversários são difíceis de ser batidos.

Que o jogo vai ser dos considerados «bons» não restam dúvidas...

#### Em Portimão

Para o Portimonense a jornada de hoje é tranquila, pois, recebem a modesta agremiação do Almada Atlético Clube a quem devem vencer e folgadoamente, atendendo à classificação actual da

turma almadense. E deve vencer e confirmar o resultado excelente que obtiveram no jogo realizado em Almada.

#### Em Évora

O Farense visita a cidade-museu. Difícil este encontro. Realmente torna-se difícil prognosticar qual o resultado final deste prélio. O Juventude anda ansioso de pontos e devem ganhar...

Na primeira volta os alentejanos empataram em Faro a dois tentos e certamente quererão confirmar o excelente resultado da primeira volta.

H. V.

## SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DE MONTE GORDO

(Conclusão da 1.ª página)

difícil pois as habitações existentes de construção primitiva quase não tinham alvenaria (o que se compreende por falta de pedra na região) e eram cobertas de colmo, pelo que seriam pasto fácil das chamas.

Ainda hoje no bairro piscatório, que o desenvolvimento de Monte Gordo como praia de 1.ª categoria, tem atirado para o poente, é frequente encontrarem-se construções dessa natureza, que lembram as choças ou palhotas africanas.

Despovoada Monte Gordo, sofreu a sua actividade rude golpe, e dos seus 5.000 homens e muitas mulheres à força dali retirados, números tirados segundo elementos da velha Chorographia do Reino, referentes a 1774, pouca vitalidade ali existia.

Estariam estes números certos? Se os comparar-mos com a po-

pulação de Vila Real de Santo António, chegaremos à conclusão que o não estavam ou que o exodo foi em maior número do que afinal se possa supôr.

Relata-se a existência de muitos espanhóis e franceses. Seriam esses que por serem estrangeiros, mais teriam levado a peito a ira do Marquês?

Mas Monte Gordo ainda não sossobrou desta vez.

A vida da nova vila vizinha crescia, mas a pesca abundante de Monte Gordo de novo chamava a atenção para a rude vida do mar.

Pouco a pouco e mesmo com alguns interesses circunvizinhos começou o seu repovoamento.

Os anos passavam, a medicina libertava-se das credulidades que embotavam os cérebros, e começavam-se a recomendar os banhos de mar e o iodo como cura das mais variadas doenças, e seguindo essa nova corrente, Vila Real

de Santo António com situação privilegiada começava a receber as primeiras famílias do Baixo Alentejo, que cá se vinham hospedar, para tomar banhos de mar na Ponta da Areia, no entanto outras famílias com receio das correntes e dos fundões ali existentes ou por mais comodidades, começaram a preferir Monte Gordo, onde algumas famílias de Vila Real de Santo António já permaneciam, utilizando até as próprias cabanas, dos naturais na árida mas salutar areia, no iodo e no sol esplendoroso e de uma Praia inigualável e sem comparação possível, que era já Monte Gordo.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE EM COIMBRA  
na Tabacaria lida & C.ª Ld.  
L. da Portagem, 55



refrigerantes  
**JAGUAR**

## A Colónia Inglesa DE HONG-KONG

(Conclusão da 1.ª página)

de refugiados que para ali se encaminham na ânsia de empregar capitais ou angariar meios de vida.

Dotada de um excelente porto de mar que dá acesso a navios da maior tonelagem, onde nada falta; com ligações marítimas e aéreas com todo o mundo e, ainda, por via férrea ligada à China Continental; de nada mais precisa esta possessão inglesa para se tornar cada vez mais reclamada por todos aqueles que ali vivem, ou por todos aqueles que por ali passam com maior ou menor demora, e têm ocasião de apreciar uma cidade onde se faz uma vida intensa, e onde se reúnem duas civilizações na melhor harmonia e compreensão.

Se bem que Hong Kong já depois da guerra de 1914 tivesse atingido o terceiro lugar no movimento marítimo do seu porto, foi depois da última guerra mundial que aquela Colónia assumiu as extraordinárias proporções de um dos maiores centros industriais e comerciais do mundo, a ponto de fazer concorrência à própria Inglaterra, que vê nesta Colónia uma competidora, onde o baixo preço da mão de obra e a extraordinária produção fazem frente a todos os mercados.

E' tão rica a praça de Hong Kong de tudo o que possa imaginar-se, que os turistas americanos lhe chamam o paraíso das compras, e ali se abastece de tudo que em qualquer outra parte lhes custaria muitíssimo mais.

Acossados pelas convulsões políticas que transformaram completamente o Extremo-Oriente, procuraram os chineses capitalistas instalar-se em Hong Kong, lugar seguro onde podiam desenvolver as suas actividades. E portadores de grandes fortunas, ali se fixaram, valorizando a terra e dando largas às suas iniciativas em todos os campos das suas actividades.

E' o chinês, sempre, portador de progresso: e absolutamente individualista, só quer que o deixem trabalhar livremente, sem peias. E como em Hong Kong a indústria não é condicionada nem dirigida, o campo está aberto a quem queira trabalhar, sem restrições.

Para se fazer uma pequena ideia do valor da indústria de Hong Kong, basta dizer-se que no ano económico findo, a exportação de flores artificiais em plástico, cuja perfeição é deslumbrante, atingiu cerca de 60 milhões de pacatas, ou sejam 350.000 contos, com a seguinte distribuição: Estados Unidos, 40 milhões de pacatas; sendo os restantes 20 milhões distribuídos pelo Reino Unido, Austrália e Canadá.

No ano económico de 1958 — 1959, os turistas despenderam em Hong Kong cerca de 547 milhões de pacatas. E como se verifica maior demora na sua esta-

dia, que era em regra de três dias, espera-se que no próximo ano se atinja a cifra de 450 a 500 milhões de pacatas.

Se fossemos a fazer uma descrição detalhada da indústria de Hong Kong e dos seus rendimentos, não chegaria um jornal: Mas para os nossos leitores fazerem uma pequena ideia dos rendimentos daquela colónia inglesa, basta o que já dissemos.

Quando da última guerra, em que os japoneses ocuparam Hong Kong, só Macau, por um verdadeiro milagre, escapou aos horrores do terrível conflito que se alastrou por todas estas paragens. E assim, foram muitos os milhares de refugiados que aqui se acolheram à sombra da nossa bandeira, salvando as suas vidas e os seus haveres.

Macau, seguindo as suas velhas tradições, abriu as suas portas a todos aqueles que aqui se quizessem refugiar. E se o número de abastados foi grande, maior foi o número de necessitados que enchiam as ruas da cidade, por forma a não ser possível abrigá-los ou socorrê-los na totalidade, pelas dificuldades que dia a dia tornavam a situação mais aflitiva. Mas ao recordarmos hoje esses três anos de incertezas angustiosas, não podemos deixar de dizer que Macau nunca viveu em tão grande abundância e em tamanha miséria. Efeitos da guerra!

Ao findar a maior conflagração de todos os tempos, Macau tinha escapado como um oásis dentro de uma brazeira, onde, em redor, o fogo tudo destruiu, com todas as probabilidades de se engrandecer; de vêr aqui estabeleceram-se muitos capitalistas, que por falta de facilidades daqui retiraram, à medida que Hong Kong rapidamente se ia recompondo e a todos se oferecia com vantagens.

Enquanto Hong Kong se reabilitava, Macau assistia à debandada da sua população refugiada, começando a prever-se a crise económica e financeira que depois se acentuou por forma a alarmar quem, por dever, tinha obrigação de enfrentar a tempestade, aprofando a vaga para que o barco pudesse alcançar o porto de salvamento.

Fizeram-se sacrifícios, sendo principalmente atingidos os pequenos funcionários, que de há muito vinham lutando contra a carestia de vida que os colocava numa situação desesperada. E como não havia razão para tão grande alarme, os orçamentos iam fechando com saldos positivos de considerável valor, que pretendiam demonstrar uma acertada administração.

Rodaram os tempos. E por uma feliz escolha do Governo Central, foi nomeado para governar Macau o Senhor Tenente — Coronel do Estado Maior Jaime Silvério Marques, que a Província recebeu, após tanta desilusão, com festiva esperança.

Não se enganou o povo de Macau no juízo formado pelas suas primeiras impressões, acerca do novo Governador e de sua esposa a Senhora D. Maria Augusta Sores de Oliveira Silvério Marques; porque passado pouco tempo, depois da sua chegada, todos os vaticínios eram confirmados. Macau tem no seu Governador, um Homem que, com apuro, sabe mandar com a inteligência e com o coração; e na Senhora D. Maria Augusta, uma verdadeira Senhora afável e bondosa, em quem os pobres têm uma desvelada protectora.

Em quase cinco meses de governo, pequeno espaço de tempo

para o Governador poder inteirar-se de todos os assuntos que aguardavam a sua chegada, muito já se fez; e tanto, que a situação da Província tende a melhorar sob todos os aspectos.

Medidas de grande alcance humanitário, deram já lugar a várias manifestações de gratidão; e o funcionalismo começou já a receber benefícios que haviam sido retirados, e por outros espera confiado na esclarecida justiça do seu Governador.

Macau tem um Governador que vive com o povo; que sente as suas necessidades, e que procura, todas as formas ao seu alcance, dar à Província o lugar a que tem justas longínquas paragens, procurando dentro da moral e da boa razão, que o seu governo seja o início de uma era construtiva e feliz para Macau, a Bem da Nação.

José de Carvalho e Rêgo

### CAUTELA

Estivemos há pouco com um rapaz, aluno de um Instituto Superior.

Teve de suspender os estudos porque um terrível eczema o perturba e não lhe permite sossego.

E quer o leitor saber de onde derivou essa doença, grave e impertinente? Em contacto com um cão com quem brincava.

Já o temos prevenido: os animais são nossos amigos, auxiliam-nos e facilitam-nos o nosso viver. Tratemo-los bem, não lhe faltemos com o necessário, mas evitemos familiaridades que podem trazer, por contágio, as graves doenças de que sofrem.

Cautela, leitor amigo!

Assina e propaga "Noticias do Algarve"

## REVISTA "ALMA NOVA"

(Continuação da 1.ª página)

seca, do poeta Ferreira Monteiro, da Dr.ª Maria João Lopes do Paço e de Agostinho Fernandes, escultor Raul Xavier, Dr. Humberto Pacheco, industriais António Libânio Correia e Hermenegildo Neves Franco; Jerónimo Gregório Marcos, M. A. Coutinho Junior, etc.

Enviaram saudações ao fundador da revista, associando-se às homenagens que lhe foram prestadas, os escritores srs. Drs. Júlio Dantas e Fidelino de Figueiredo; os professores Adelino da Palma Carlos e Dr. A. Bustorff Silva, que foi um dos directores da revista; Luís Chaves, D. Oliva Guerra, Comandante Sebastião da Costa, tenentes-coronéis Afonso do Paço e Ribeiro dos Reis, o Dr. M. Bettencourt Ferreira, Eduardo Frias, Nuno Catarino Cardoso, dr. Sacadura Cabral, caricaturistas Francisco Valença, dr. António de Sousa Pontes, dr. Jaime de Graça Mira, de Faro, poetas Rolando de Viveiros e Oliveira San-Bento, dos Açores, e o jornalista dr. Manuel Carreiro, presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Aos brindes, usou em primeiro lugar da palavra o professor dr. José Guerreiro Murta, que proferiu um notável discurso de que noutra lugar iniciávamos a publicação.

Enaltecendo os serviços prestados pela revista e pelo seu fundador à formação cultural e cívica da juventude portuguesa falaram ainda os srs. dr. Maurício Monteiro, M.ª J.ª Nascimento Moura, Hermenegildo Neves Franco, Dr.ª Branca Lopes Martins, Jerónimo Gregório Marcos e a pintora D. Maria Alexandrina Pires Chaves Berger, a todos agradecendo, no final, ao homenageado, numa emotiva evocação, em que diz:

«Meus queridos Amigos: Faço, neste momento, em espírito, a chamada de todos os bons companheiros que me acompanharam, com a sua colaboração e estímulo, durante os 16 anos que durou a publicação da «Alma Nova».

Dos 5 co-directores — A. Bustorff, Saavedra Machado, Dr. Emílio Salgueiro, Alcântara Carreira e Dr. Luís de Oliveira Gui-

(Conclui na 2.ª página)

(Conclusão da 1.ª página)

gatiolas; plantas que desarraigaram do seu humor e se não fixam por lhes faltar ambiente.

O abandono dos rurais fecha neste trágico corolário que apontámos: — sentindo-se sem protecção derivam para um outro meio, vistoso mas falso.

As populações rurais merecem todo o carinho e amparo para que possam continuar onde nasceram e podem produzir e não irem perturbar pela sua inadaptação os meios urbanos que são naturais para outros.

A vida agrícola merece ser vigiada e orientada, principalmente o pequeno e médio agricultor. O grande proprietário, de abundantes recursos, torna-se geralmente absentista, recolhendo os proveitos e folgando com eles sem querer incomodar-se com as conseqüências.

No nosso País tem-se ultimamente procurado dar um pouco de orientação à população rural e alguma coisa se terá obtido. Mas tem ainda em muitos aspectos e casos um ar de burocracia e improvisação. Do nosso conhecimento vamos citar alguns casos que chegam a ser pitorescos algumas vezes e outras dolorosos.

Quando foi da Campanha do Trigo que um ministro atento e activo, o Coronel Linhares de Lima, em boa hora lançou, na sede de um concelho nosso conhecido e da nossa Província apareceu uma brigada em cata de terreno próprio para a sementeira-modelo. Foi à luz duma lanterna que essa escolha se fez; tarde e a má hora se lançou a semente à terra e a seara que surgiu se foi ceifada não foi debulhada por o grão, se algum havia, não compensar as despesas a fazer.

Perdeu o proprietário que podia ter semeado por sua conta e arrecadado o produto, perderam os agricultores que da experiência nada aproveitaram e dela descreeram e perdeu o organismo encarregado da exemplificação que se desacreditou. Em outro concelho também da nossa Província foi marcada uma palestra no salão camarário feita por um senhor regente agrícola.

No dia combinado e quase à hora indicada alguém lembrou o facto ao Presidente da Câmara que de todo se esquecera e que à pressa mandou abrir a porta do edifício e arrebanhou para dentro as pessoas que encontrou na sua e que eram todos... menos agricultores.

A lição, ou o que devia ser, correu assim no meio da indiferença geral por não interessar aos ouvintes e o proveito foi nulo e nulo o esforço dispendido.

Já que estamos com a mão na massa e para salientar a indife-

rença com que é encarada e tratada a população rural anotamos mais este episódio: Em certo concelho, ainda na nossa Província, procedeu-se à vacinação dos cães. De distâncias grandes acorreram os donos com os animais. A vacina esgotou-se e um indivíduo, que viera de um lugar a uma distância não inferior a 30 quilómetros, não conseguiu que fosse vacinado dois cães seus.

De quem a culpa? Não cuide-mos de averiguações e remate-mos já a verídica história — o homem foi antuado por os cães de sua propriedade não terem sido vacinados e tem de pagar, por isso, algumas centenas de escudos.

A população rural, de actividade agrícola e pecuária na sua quase totalidade, tem de se sentir amparada e vigiada para obter das terras e dos gados o que basta à sua alimentação e que possa vender para acudir às suas outras necessidades. Isso depende também, em grande parte, o bem-estar da população urbana que por eles espera e deles precisa.

O que sabe a nossa população rural de fruticultura para benefício dos seus pomares, com as frutas engelhadas e bichosas por via do que perdemos em lugar de conquistar mercados externos; de arborização com que revista as suas encostas que por efeitos da erosão se vão escavando e tornando impróprias, ela só por si ampla riqueza de mercados garantidos; da escolha de sementes, terras e adubos que mais próprios lhes sejam?

Pratica como praticavam os seus avós ou julga melhor por ouvir dizer.

O que sabe de forragens para os seus gados, do melhor aproveitamento dos lactínios ou das lãs, das vacinas que os preservam das doenças que os dizimam e arruinam os proprietários? Da avicultura que é uma fonte de riqueza em países de condições mais desfavoráveis do que o nosso, como a Dinamarca e a Holanda?

Se tem desejos de saber pergunta e responde-lhe — Consulte que em tal parte há uma repartição que o informa.

E mal sabe a direcção dessa oficina burocrática; não sabe escrever e se o sabe não sabe redigir o que pretende e necessita.

Porque se não vai ao encontro das suas necessidades, explicando-lhe o que deve fazer, mas com carácter prático, sem consultas nem ofícios de permissão?

O papel para os rurais não é uma ponte de comunicação, é antes um artifício de isolamento.

Ampare-se, vigie-se e oriente-se a população rural, mas onde ela está, no seu meio, ombro a ombro como se de iguais se tratasse e não com o ar impertinente de quem dá uma lição preparada com antecedência e sobre a qual não admite dúvidas ou discussões.

Isso serviria de aborrecimento em vez de aproveitamento, criaria a desconfiança e sabe-se como a massa rural é sensível a ela.

Faça-se isto depressa que o tempo que se demora aprova uma situação que é bastante ruínoza e até perigosa.

II CONCURSO FOTOGRAFICO DE MOTIVOS ALGARVIOS

Embora já se encontrem classificados pelo respectivo júri os trabalhos apresentados ao II Concurso Fotográfico de motivos algarvios, organizados pela Casa do Algarve, a inauguração da exposição dos ditos trabalhos, que estava marcada para 16 do corrente, foi transferida, por motivo de força maior, para 14 de Março próximo.

Muitas vezes é suficiente apenas 1 comprimido.

Contra dores de cabeça

constipações

reumatismo

ASPIRINA

HA MAIS DO QUE 60 ANOS ASPIRINA E BAYER familiares a todos.

**As mais lindas Rosas**  
**As mais famosas árvores de fruto**  
**As melhores sementes de flores e de horta**

Bolbos, insecticidas, fungicidas, arvoredo, construção de jardins, parques e pomares.

PLANTAS AS NOSSAS ARVORES E COLHEITAS OS MELHORES FRUTOS CATALOGOS GRATIS

Catálogos grátis

Moreira da Silva & Filhos, Lda.  
Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

**C. DE SEQUEIRA SERRA**  
**MÁQUINAS DE ESCRIVER NOVAS E USADAS**  
**ANEXO: ESCOLAS DE DACTILOGRAFIA**  
**CURSOS PRÁTICOS E POR CORRESPONDÊNCIA**

Alameda D. Afonso Henriques, 54 — Telef. 720425  
Rua de Crucifixo, 116-3.º Frente — Telef. 20502  
LISBOA

**MÓVEIS**  
**Janel**  
**ORGANIZAÇÃO MODELO PARA A DECORAÇÃO DO LAR**



**GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS NOS SEUS VASTOS SALÕES DA**

**Rua Rodrigues Sampaio, 76-A**  
**LISBOA TELEF. 51695**